

As teorias curriculares nas produções do ENEBIOS

Cláudia Elizandra Lemke¹

Neusa Maria John Scheid²

Resumo: O presente artigo de revisão sistemática apresenta uma análise de conteúdo sobre as teorias curriculares presentes nos trabalhos que compõem as sete edições do Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENE BIO). Esse evento é bianual e publica seus anais no site da Associação Brasileira de Ensino de Biologia, tendo o primeiro ENEBIO ocorrido no ano de 2005. Inicialmente, foram investigados 3423 trabalhos, nos quais apenas 123 abordaram currículo como temática principal, sendo a maioria publicado nas edições V, II e VII. Identificamos 78 trabalhos que apresentaram a teoria tradicional como base, 45 embasados na teoria crítica, e por fim, não encontramos nenhum trabalho na teoria pós-crítica.

Palavras chave: currículo, teorias de currículo, ensino de ciências, ensino de biologia.

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade Federal Fronteira Sul- UFFS, claudinhalemke@hotmail.com;

2 Doutora em Educação Científica e Tecnológica- Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, scheid.neusa@gmail.com;

Considerações iniciais

A Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBIO) desde 1997 tem como finalidade a promoção, desenvolvimento e pesquisa do ensino de Biologia. Ela promove o Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENE BIO) que ocorre a cada dois anos, em diferentes lugares do Brasil. A primeira edição foi em 2005, com o tema: “Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa” com trabalhos de pesquisa, relatos de experiências docentes e produções de materiais didáticos, totalizando 283 (ENE BIO, 2005). O ENE BIO contou com 219 trabalhos, dividido em 7 eixos temáticos, o tema do evento: “Os 10 anos da SBEnBio e o ensino de Biologia no Brasil: histórias entrelaçadas”, realizado no ano de 2007 (ENE BIO, 2007).

O III ENE BIO ocorreu em conjunto do IV ERE BIO - Regional 5 e V Congresso Ibero-americano de Educación em Ciencias Experimentales, com a temática “Temas polêmicos e o ensino de Biologia”, com 421 artigos no evento (VILELA, 2010). O IV ENE BIO realizou-se com o tema “Repensando a Experiência e os Novos Contextos Formativos para o Ensino de Biologia”, em 2012. Contou com 7 eixos temáticos, no qual foram divididos os 331 trabalhos submetidos e aprovados (FERNANDES, 2012).

O V ENE BIO, com a temática “Entrelaçando histórias, memórias e currículo no Ensino de Biologia”, ocorreu no ano de 2014. Essa edição contou com 568 trabalhos divididos em 8 eixos temáticos (FERNANDES, 2014). O VI ENE BIO ocorreu em conjunto com o VIII ERE BIO- Regional 3, em 2016, com o tema “Políticas Públicas Educacionais - Impactos e Propostas ao Ensino de Biologia”. Contou com 699 trabalhos divididos em 15 eixos temáticos (FERNANDES, 2016). Já o VII ENE BIO, que ocorreu com o I ERE BIO – Norte, aconteceu, em 2018, com o tema “O que a vida tem a ensinar para o ensino de Biologia?”, dividido em 8 sub-temáticas em torno das quais foram organizados os 902 trabalhos inscritos, aprovados e apresentados no evento (ENE BIO, 2018).

No presente artigo de revisão sistemática apresentamos uma análise de conteúdo sobre as teorias curriculares presentes nos trabalhos que compõem as sete edições do ENE BIO. De acordo com Sacristán (2000), o sentido etimológico da palavra currículo expressa movimento, no contexto educacional. Ao longo da história, o currículo possui muitos significados e definições que dependem de uma seleção de classes e grupos, como afirma Silva (2019, p. 15): “[...] *O currículo é sempre resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir precisamente o currículo*”.

Nos EREBIOS identificamos 123 trabalhos sobre estudos curriculares. Mesmo representando cerca de 3% da publicação total dos eventos, percebemos que discussões sobre currículo são importantes no sentido de conhecer as teorias curriculares que sustentam a educação. Considerando que as teorias curriculares são classificadas por Silva (2019) em tradicionais, críticas e pós-críticas, procuramos analisar quais e como as teorias curriculares têm subsidiado os anais das 7 edições do ENEBIO, ocorridas entre os anos de 2005 a 2018.

Teorias curriculares

Para Silva (2019) as teorias curriculares representam um discurso sobre o próprio currículo, uma manifestação política recheada de intenções de determinados grupos da sociedade, além de propostas curriculares que interferem nas práticas educacionais, no qual o currículo é um precedente de uma teoria; que podem ser classificadas em tradicionais, críticas e pós-críticas. As teorias curriculares estruturam, organizam a realidade de um currículo, e surgiram para responder as questões: *"Qual conhecimento deve ser ensinado? O que os alunos devem saber? Qual conhecimento ou saber é considerado importante ou válido para merecer ser considerado parte do currículo?"* (MALTA, 2013, p. 344).

A teoria tradicional privilegia o convencional, torna o currículo uma técnica, a organização é indiferente às questões políticas e sociais, busca a neutralidade, a formação do trabalhador especializado, no qual o conhecimento é tido como inquestionável (MOREIRA; SILVA 2002; MALTA, 2013). Para Silva (2019) essas teorias buscam a resposta de "o quê" e "como" para que o um conhecimento que é inquestionável (ao ver da teoria) seja transmitido.

A teoria desenvolveu-se em duas tendências: a conservadora, com busca de igualdade da educação com o sistema industrial com nomes como Bobbitt e Taylor; e progressista com a construção da democracia mais liberal, com Ralph Tyler e John Dewey (SILVA, 2019). Independente da tendência, o currículo na perspectiva da teoria tradicional, principalmente no Brasil, é visto como as disciplinas escolares (SIQUEIRA, 2011).

No ensino de Ciências, a teoria tradicional de currículo, iniciou-se com a divisão de blocos de conhecimentos em áreas específicas: história natural, botânica, zoologia e biologia geral, tratando os saberes em grupos e separando-os, utilizando práticas para orientar teorias, com a ciência neutra, valorizando os aspectos como quantidade de conteúdos conceituais (NASCIMENTO et al., 2015).

Na década dos anos 70, as teorias críticas surgiram para mobilizar a estrutura da escola com novas temáticas a serem debatidas, procurando problematizar os fatores sociais, políticos, discutir ideologias e questionar hegemonias (SIQUEIRA,2011; MORAES; GUIMARÃES,2016). A teoria crítica de currículo debate que não existe uma cultura homogênea e aceita por todos, no qual o currículo é responsabilizado também pelas desigualdades e injustiças sociais (MOREIRA; SILVA, 2002; SILVA, 2019).

A projeção de ensino voltada a formação de cidadãos críticos que transformam e são transformados pela realidade em que vivem, o currículo crítico é aquele que se torna mais complexo a medida em que, questões éticas e morais, o incorporam, mas que mesmo assim, não é neutro, devido as relações de saber, identidade e poder que existem na sociedade (PINHEIRO, 2009; MALTA, 2013). A teoria crítica é baseada na teoria dialética- crítica de Karl Marx, e de teóricos como: Louis Althusser, Pierre Félix Bourdieu, Jean Claude Passeron, Christian Baudelot, Roger Establet e, no Brasil, Paulo Freire (SILVA, 2019).

Para Pinheiro (2009) as discussões da teoria são atuais, pois a todo momento existe a relação da escola tentar transmitir os interesses da classe dominante. A teoria crítica mostra que as escolas direcionadas as altas camadas econômicas da sociedade tendem a direcionar a prática de atitudes de comando e autonomia, reproduzindo assim, as relações capitalistas presentes na sociedade (SILVA, 2019).

Cabe destacar, que o currículo construído na teoria crítica, se preocupa com a transformação da realidade, valorizando o professor, a sua formação docente porque acredita que a criticidade na formação de professores fará com que ele construa um currículo voltado para o conhecimento dos alunos (PINHEIRO,2009). Essa teoria procura que a escola e o próprio currículo oportunizem praticar habilidades democráticas, discutir e participar de pressupostos do senso comum e da sociedade (SILVA, 2019).

No ensino de Ciências, a teoria movimenta para que as aulas sejam além dos conteúdos programáticos, que os conceitos científicos estejam atrelados às manifestações culturais, promovendo diferentes dimensões do ser humano. Que a interdisciplinaridade, com formas nas quais os questionamentos, contradições e dúvidas estejam presentes na sala de aula, com um ensino menos técnico e com contribuições para uma melhor vida em sociedade (GASPARIN, 2009).

As teorias pós-críticas de currículo possuem a concepção de currículo multiculturalista, não existindo um currículo homogêneo e prescritivo, mas que possui a presença de elementos como cultura, raça, gênero, etnia,

políticas de identidade (MOREIRA; SILVA, 2002; SILVA, 2019). O currículo baseado na teoria pós-crítica, ainda discute questões resultantes de estudos feministas, como o predomínio da cultura patriarcal, desigualdade de mulheres e homens.

Nessa direção, não existe currículo homogêneo, uniforme, pois, o currículo na teoria pós crítico é uma diversidade de tempos, espaços e lugares, sendo uma construção de interesses e finalidades contextualizados (PACHECO,2018). A teoria pós crítica é, de certa forma, uma continuidade do currículo crítico, com o desenvolvimento da autoria e a constante busca pelo conhecimento (PINHEIRO,2009).

Metodologia

A pesquisa fundamentou-se numa revisão sistemática, no intuito de buscar quais as teorias curriculares que têm subsidiado os anais das sete edições do ENEBIO (2005-2018), utilizando como critério de inclusão para os trabalhos a temática currículo, identificando conceitos importantes relacionados com o tema (SAMPAIO; MANCINE, 2007). As bases de dados e anais dos artigos estão disponíveis em < <https://sbenbio.org.br/categoria/anais/>>. O número de publicações com a temática pode ser visualizado no Quadro 1.

Quadro 1: ENEBIOS x publicações da temática do currículo

ENE BIO	ANO	Nº total de trabalhos	Nº de publicações com a temática de currículo	Porcentagem de trabalhos com a temática de currículo
I ENEBIO	2005	283	2	0,70%
II ENEBIO	2007	219	24	11,0%
III ENEBIO	2010	421	5	1,18%
IV ENEBIO	2012	331	21	6,40%
V ENEBIO	2014	568	33	5,80%
VI ENEBIO	2016	699	27	3,86%
VII ENEBIO	2018	902	31	3,43%

Para a análise de dados foi realizada a análise de conteúdo categorial por temática (BARDIN, 2016), conforme o Quadro 2, que sintetiza os parâmetros das teorias curriculares e seus principais autores, conforme dados de SILVA (2019).

Quadro 2: Características das teorias curriculares

Teoria curricular	Características que enfatizam o conceito da teoria	Principais autores
Tradicional	ensino, aprendizagem, avaliação, metodologia, didática, organização, planejamento, eficiência, objetivos.	John F. Bobbitt; Comenius; John Dewey; Tyler; Coll
Crítica	ideologia, reprodução cultural e social, poder, classe social, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto, resistência.	Pinar; Young; Giroux; Forquin; Apple; Bernstein; Libâneo; Saviani; Domingues; Goodson; Freire; Souza Júnior
Pós-Crítica	identidade alteridade diferença, subjetividade, significação e discurso, saber-poder, representação, cultura, gênero raça etnia sexualidade, multiculturalismo	Foucault; Stuart Hall; Derrida; Deleuze; Guattari.

Análise e discussões

Inicialmente, é importante observar o Quadro 1 que demonstra a distribuição das publicações ao longo dos ENEBIOs, no qual os eventos que apresentam maior percentual são aqueles que o currículo faz parte dos temas dos eventos, no qual a II edição possuía o eixo temático “Currículo e ensino de Ciências/Biologia”, e a quinta edição com a temática do evento “Entrelaçando histórias, memórias e currículo no Ensino de Biologia”.

Para elucidar a principal questão norteadora do estudo elaboramos o Quadro 3, apresentando a edição do ENEBIO e as teorias curriculares. É importante destacar que os trabalhos encontrados foram identificados a partir das características expostas no Quadro 2, no qual, a teoria tradicional possui aspectos mais organizacionais e neutros, e a teoria crítica trabalha com mecanismos de emancipação dos sujeitos.

Quadro 3: Nº de trabalhos por teoria curricular x ENEBIO

Edição do ENEBIO	Teoria Tradicional	Teoria Crítica	Teoria Pós-Crítica	Total de Trabalhos
I ENEBIO	2	0	0	2
II ENEBIO	19	5	0	24
III ENEBIO	3	2	0	5
IV ENEBIO	10	11	0	21
V ENEBIO	19	14	0	33
VI ENEBIO	20	7	0	27
VIII ENEBIO	5	6	0	11
Total	78	45	0	123

Ao observarmos que, no Quadro 3, existe um predomínio de trabalhos na teoria tradicional de currículo no ensino de ciências, para Siqueira (2011) esse aspecto evidencia-se devido ao pensamento do ensino das Ciências no início do século XX, como disciplinas científicas, e que ainda está muito presente. A reflexão de que as teorias tradicionais são a maioria dos trabalhos dos ENEBIOS nos remete a questões sobre o ensino tecnicista, discutidas na literatura há bastante tempo, mas, também nos lembra que, o currículo embasado na teoria tradicional, é compreensível na medida em que, as políticas curriculares, diretrizes da educação, e avaliações externas se estabelecem e conduzem esses padrões (MACEDO,2012).

Para Siqueira (2011), o currículo tradicional no ensino de Ciências leva em conta o método científico com processos de indução e dedução; com isso, o currículo tem ênfase no ensino científico, memorização, não promovendo questionamentos e com perfil de alunos que decoram os nomes científicos, com uma avaliação voltada aos exames.

Corroborando com os dados, temos a pesquisa de Moraes e Guimarães (2016) que verificou a perspectiva dos documentos nacionais educacionais norteadores no ensino de Ciências, no qual, os dados apresentaram conceitos da teoria tradicional nos documentos com a formação voltada ao mercado de trabalho, com a tendência de atender alguns interesses com formação tecnicista. É importante destacar que estão presentes, nesses documentos, alguns aspectos da educação na teoria crítica como a formação para a cidadania; porém, os autores afirmam que elas estão atreladas a teoria tradicional.

A essência disso é vista no trecho de Silva (2019, p. 65): ***“O currículo tradicional era simplesmente tomado como dado e, portanto, como implicitamente aceitável. O que importava era saber se as crianças e jovens eram bem-sucedidos ou não nesse currículo”***. Para Godson (1999), a teoria tradicional ainda está presente pela sua influência positivista no ensino de Ciências, com ênfase na educação empirista, com foco em atividades de laboratórios nas quais só existe uma verdade única, comprovada nas Ciências. Arroyo (2013) afirma que os aspectos citados por Goodson estão presentes nos livros didáticos e num currículo que é formado, sem levar em conta as vivências sociais e políticas dos alunos.

Ou seja, ainda que as teorias críticas circulem no Brasil, desde os anos de 1990, estamos em tempos de retomadas conservadoras, no qual as próprias políticas públicas tendem a reduzir os docentes, colocando a ênfase na transmissão de conteúdo de uma disciplina (LOPES,2013; ARROYO, 2013).

Nesse estudo, esse aspecto evidencia-se quando as teorias tradicionais se sobrepõem as teorias críticas nas edições de cada ENEBIO.

Considerações finais

Consideramos que, os trabalhos do ENEBIO apresentam discrepâncias com relação as teorias curriculares e suas publicações, no qual a teoria tradicional está presente na maioria dos trabalhos com 78. Compreendemos que as teorias tradicionais de currículo se tonaram importante na medida que subsidiam elementos formadores para que possam ser trabalhadas, dentro das teorias críticas, a formação para a cidadania e talvez, por isso apareçam com maior frequência.

As teorias críticas de currículos aparecem como uma segunda frequência, possuindo o número de 45 trabalhos durante as edições dos ENEBIOS e as teorias pós-críticas de currículos não aparecem em nenhum dos trabalhos, deixando-nos o questionamento de porque essa teoria não vem sendo aplicada ao estudo ou ao ensino de Ciências e Biologia.

Agradecimentos e Apoios

Capes e ao Programa de Pós-Graduação no ensino de Ciências-UFFS.

Referências

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

ENCONTRO NACIONAL DO ENSINO DE BIOLOGIA (ENEBIO). **Anais do I Encontro Nacional do Ensino de Biologia; III Encontro Regional do Ensino de Biologia: RJ/ES**. Rio de Janeiro: SBEnBio, 2005. Disponível em <https://sbenbio.org.br/wp-content/uploads/anais/anais_I_enebio_III_erebio.pdf> acesso em 02 nov. 2019.

ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA (ENEBIO). **Anais do II Encontro Nacional de Ensino de Biologia: Os 10 anos da SBEnBio e o ensino de Biologia no Brasil: histórias entrelaçadas**. Uberlândia: SBEnBio, 2007. Disponível em <<https://sbenbio.org.br/wp-content/uploads/anais/2enebio/index.html>> acesso em 12 nov. 2019.

ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA (ENE BIO). **Anais do VII Encontro Nacional de Ensino de Biologia: O que a vida tem a ensinar ao ensino de Biologia?** Belém, PA: SBEnBio, 2018. Disponível em <https://sbenbio.org.br/wp-content/uploads/anais/anais_vii_enebio_norte_completo_2018.pdf> acesso em 12 nov. 2019.

FERNANDES, J. A. B. **Revista da SBEnBio**. São Carlos, SP: SBEnBio, v.5 – 2012. Disponível em < https://sbenbio.org.br/wp-content/uploads/edicoes/revista_sbenbio_n5/creditos.html> acesso em 11 nov. 2019.

FERNANDES, J. A. B. **Revista da SBEnBio**. Niterói, RJ: SBEnBio, v.7 – 2014. Disponível em < <https://sbenbio.org.br/revistas/revista-sbenbio-edicao-7/>> acesso em 11 nov. 2019.

FERNANDES, J. A. B. **Revista da SBEnBio**. Niterói, RJ: SBEnBio, v.9 – 2016. Disponível em < <https://sbenbio.org.br/revistas/renbio-edicao-9/>> acesso em 11 nov. 2019.

GASPARIN, J. L.; uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. 5. ed. Campinas: Autores Associados 2009.

GOODSON, I. F. Currículo: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1999.

LOPES, A. R.C. Teorias pós-críticas, política e currículo. **Educação, Sociedade & Culturas**, nº 39, 2013. Disponível em < <https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/02.AliceLopes.pdf>> acesso em 01 dez. 2019.

MACEDO, E. Currículo e conhecimento: aproximações entre educação e ensino. **Cad. Pesquisa.**, São Paulo, v. 42, n. 147, p. 716-737, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742012000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 Dez. 2019.

MALTA, S. C. Uma abordagem sobre currículo e teorias afins visando a compreensão e mudanças. **Espaço Currículo**, v.6, n.2, p.340-354, 2013. Disponível em <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec>> acesso em 01 dez. 2019.

MORAES, C. de L. B.; GUIMARÃES, S. S. M. Perspectiva De Currículo Presente Nos Documentos Orientadores Nacionais E Do Estado De Goiás Para O Ensino De Biologia. **Ciclo Revista**, [S.l.], set. 2016. ISSN 2526-8082. Disponível em: <<https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/ciclo/article/view/231>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

MOREIRA, A. F. B. SILVA, T. T. da. **Currículo, cultura e sociedade**. 7ª edição. São Paulo, Cortez: 2002

NASCIMENTO, E. E. et al. Reflexões sobre as metodologias de ensino em biologia utilizadas em uma escola itinerante. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 13,2015. Pacheco, José Augusto. Teorias curriculares: entre o Estado e o Sujeito,2018. In Maria Ângela Aguiar, Antônio Flávio Barbosa Moreira & José Augusto Pacheco (Org.). Currículo: entre o comum e o singular (pp. 63-84). Recife: ANPAE.

PINHEIRO, G. C.G. Teoria curricular crítica e pós-crítica: uma perspectiva para a formação inicial de professores para a educação básica. **Revista Unicentro**, v.10, n.2, 2009. Disponível em <<https://revistas.unicentro.br/index.php/analecta/article/view/2096/1799>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SACRISTÁN, J.G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAMPAIO, R.F. MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa de evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, v.11, n.1, p.83-89, 2007.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª edição, 11ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SIQUEIRA, A. B. Currículo de Ciências: aspectos históricos e perspectivas atuais. **Revista Húmus**, nº1, 2011.

VILELA, M. **Revista da SBEnBio**. Campinas, SP: SBEnBio, v.3 - 2010. Disponível em < <https://sbenbio.org.br/revistas/revista-sbenbio-edicao-3/>> acesso em 12 nov. 2019.